

VIAGEM AO FIM DO MUNDO¹

TRIP TO THE ENDE OF THE WORLD

Fernando Fuão²

Resumo

O ensaio poético-visual acompanha a experiência de viagem à Terra do Fogo (Ushuaia). Em uma imersão pela extensão e intensidade da natureza glacial do sul do sul, conceitos como fronteira, borda, dobra recriam o imaginário do leitor, enquanto delineiam a imensidão da paisagem. Na busca pelo fim do mundo, o discurso, a representação e à linguagem pedem passagem, recriando a precisão do espaço, a dimensão do corpo, e reformulando a linearidade, cíclica da in-domesticação.

Palavras-chave: viagem, fim do mundo, linguagem, Terra do Fogo.

Abstract

The poetic-visual essay follows the travel experience to Tierra del Fuego (Ushuaia). In an immersion through the extension and intensity of the glacial nature of the south of the south, concepts such as border, edge, fold recreate the reader's imagination, while delineating the immensity of the landscape. In the search for the end of the world, discourse, representation and language ask for passage, recreating the precision of space, the dimension of the body, and reformulating the linearity, cyclical of un-domestication.

Keywords: travel, end of the world, language, Terra do Fogo.

*¿Dónde termina tu cuerpo y empieza el mío?
Jorge Drexler*

Fim do mundo, início de todas as coisas, pequena frase referencial para os turistas que conseguem chegar lá.

Além dos limites e das bordas já vistas.

Lá onde tudo deveria acabar. Ver e conhecer os limites do mundo dos mapas, a finitude enquanto mundo. Descobrir os limites da matéria, e o que acontece com ela quando atinge essa posição.

O fim do mundo é esse estranho espaço onde os desejos da matéria, do ar, da água, da terra se reúnem na gelada Terra do Fogo para explicar o início e seus próprios fins. É lá, onde a água desejaria ser um dia terra, congelando-se para virar glacial, uma montanha d'água.

No fim do mundo a terra afunda-se em blocos desfazendo-se em pedaços de blocos ainda menores, esfacelando-se lentamente, dissolvendo-se como num arquipélago; desejando desaparecer eternamente nas águas da Terra do Fogo.

Lá se pode ver fogo onde não há fogo. Tudo queima, tudo arde, até o vento, o fogo fátuo faz a transmutação da matéria ativa do desejo, o pensamento.

Na viagem vimos o esplendor da matéria terra quase liberta da gravidade, elevando-se ao céu, em seu desejo de guardar a água congelada em seus picos.

Pela carreteira Austral passamos, os Andes vimos, nos Andes andamos, aos Andes sobrevivemos.

Quanto mais nos aproximávamos do fim, os limites do dia e noite passavam a ser mais borrosos, os limites entre uma coisa e outra também, tudo, curiosamente, começava a ficar igual e ao mesmo tempo distinto. Já não víamos bordas e limites em nada, tudo era imensidão naquela terra, que já não era tão "Terra" assim.

Tudo parecia vazio, e ao mesmo tempo cheio de sentido.

Lá tudo se dilui incessantemente, uma coisa parece estar sempre querendo ser outra, uma matéria desejando transformar-se em outra sem, entretanto, virar uma massa única.

Tudo lá, está sempre virando, desdobrando-se em outra.

As dobras, as viradas, as revoltas da matéria.

No limite da situação, descobrimos que na natureza, revoltar-se é transformar-se no outro, desejar ser o outro para não morrer.

Revoltar-se é cruzar a fronteira, passar para o outro lado.

Nos limites do fim, as coisas estão num estado que podem ser uma e outra, enfim, todas outras ao mesmo tempo. É 'isso', 'aquilo ali', 'aquilo lá', uma curiosa geografia na qual se perambula, e se redescobre incessantemente o paradoxo do início, o meio e o fim na simultaneamente do instante.

Tudo no fim do mundo está a um passo de ir-se, de passar para o outro lado, no perigo de cair da grande meseta esquecida da terra, felizmente salvaguardada pelos temores do fim.

A busca pelo fim se caracteriza, exatamente, por esse avançar sempre um pouco mais. O fim pode estar lá em baixo, lá em cima, quase ali na frente, ou deixado para trás.

No fim a natureza se indefine, se desvanecendo e revelando uma outra natureza, um outro mundo. O fim lá dentro. Indefinição é falta de fim, falta de sentido.

¹ Esse ensaio foi publicado no blog: https://fernandofuao.blogspot.com/2012/09/viagem-ao-fim-do-mundo_28.html, em 28 de setembro de 2012.

² Professor Titular da Faculdade de Arquitetura. (UFRGS). Pós Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia/UERJ sob a supervisão da Filósofa Dra. Dirce Solis (2011-12). Graduado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal de Pelotas (1980), Doutor em Projetos de Arquitetura Texto e Contexto pela *Escuela Técnica Superior de Arquitectura* de Barcelona-UPC (1987- 92) com a tese *Arquitectura como Collage*.



Lá, ou ali os traços e traçados apagam-se com mais intensidade, até as línguas se misturaram uma na outra, uma sobre a outra.

Na natureza não há bandeiras nem fronteiras.

As fronteiras ficam para os mapas, as plantas, para as representações, para as barreiras alfandegárias, para todas as barreiras humanas, como disse Jorge Drexler: “yo no sé dónde soy, mi casa está en la frontera, y las fronteras se mueven, como las banderas”

Mas até no fim do mundo os homens inventaram bandeira, na Patagônia ela é aureocerulia. E por onde vão, vão cravando suas bandeiras. Não há limites para as bandeiras, ela é o lugar da limitação.

As únicas bordas existentes que encontramos na natureza são os absurdos limites impostos pelo homem, com suas cercas, seus muros, suas leis e réguas, suas propriedades, seus impostos que isolaram nossa vidas do sentido único com a natureza.

Nesses contornos, nessas linhas que se constituem os chamados mapas políticos, tudo que passa por esses limites deve ser identificado. Nesses novos tempos, nem mesmo o que é comestível e perecível passa mais.

Mas se olharmos para trás no tempo, esses limites serão sempre borrosos, tanto é que nesses espaços de fronteiras às franjas daquelas bandeiras estão lavradas de sangue. Mas, entre uma fronteira e outra sempre existirá um espaço último vago, uma fratura que revelará sempre a falsidade dos contornos. São esses falsos contornos da representação do poder que devem ser passadas em revistas, repassadas constantemente,. Enfim, todas as representações dos mapas e das plantas. Todos os falsos fins e começos.

Poder é sobretudo representação. E que a domesticação da representação geográfica, das cidades e da arquitetura - herança dos primórdios do Humanismo - impregnou nossos olhos e nos cegou as continuidades dos espaços da vida, da natureza, a finalidade da representação é nos eludir da própria falsidade das representações. A



finalidade dos mapas não é só colocar os limites mas nos fazermos crer em sua falsa verdade que as coisas terminam ali no contorno, na linha.

Foi isso que os mapas fizeram desde nossa tenra infância: de alguma maneira, suprimiram a continuidade da vida, do mundo, segmentando em fragmentos políticos, bíblicos, assinalando território, terras, marcando lugares, desenhando, cegando- nos desde a mais tenra idade a possibilidade de perceber o espetáculo da continuidade do mundo.

São esses contornos que, de certa forma, delineiam nossas vidas, e agora delineiam as novas fronteiras virtuais com uma precisão cada vez maior.

São esses mesmos traços que também determinam as representações arquitetônicas e urbanísticas, estabelecendo novos modelos de traçados de controle. Talvez seja isso que Hakim Bay procurava escapar, por outras rotas, ao escrever TAZ.

Para mim, o fim do mundo sempre será o paradoxo da busca do traço como sinal, do que falta e do que excede, da essência como carência e como excesso ao mesmo tempo.

No fim nunca haverá uma linha, um contorno, um conceito.

Nem pode haver. Lá tudo deve ser igual, tão igual que tudo pareça irreconhecível pelo excesso de semelhança.

Na natureza não existem linhas, tudo está atado, uma coisa está amarrada à outra, às vezes sem fio, só no entrelaçamento invisível do desejo.

À noite, mesmo a distancia as estrelas se entrelaçavam com nossos olhos. Suas luzes nos guiavam quando perdidos pelo amor no meio das escarpas das montanhas. Enquanto que as luzes da cidade de El Chalten lá embaixo só nos ofuscavam.

Bastou um beijo para desorientar-nos.

Para chegar ao fim do mundo tem que embarcar, embarcar no ‘transbordador’, cruzar,



bordar, costurar um lado ao outro do Estreito.
Transbordar. Para se chegar ao fim do mundo se tem que transbordar.

A passagem de uma matéria à outra deve ser superado pela travessia sobre essa espécie de vazio, abismo, de um espaço difícil de ser definido, mas que o definimos como uma coisa que não existe, a isso lhe damos o infeliz nome de vazio.

Mas não é vazio.

Esse vazio é pura reflexão, do outro.

O imaginário vazio do fim do mundo é cheio de imagens, de paisagens pré-humanas, de flores com cores fantásticas.

Depois de ver tudo isso, continuo a me perguntar, qual é a cor do fim do mundo? Qual será a cor da matéria em seu estado último de partícula?

O fim do mundo revela um imaginário anterior ao aparecimento do homem. O homem é o ser estranho ao fim do mundo. O que menos conta.

Lá tudo parece imobilizado, suspenso em sua eternidade, nossa presença foi apenas efêmera.

O eu é o ser estranho ao outro.

O fim do mundo é o outro. O inatingível em sua essência.

A busca do fim do mundo só pode revelar o desejo de uma coisa em outra, de uma matéria em outra, de um corpo em outro.

Olhando para o céu estrelado à noite ficava imaginando, então, qual seria o desejo das estrelas?

Os limites das bordas são borrosos, mas ao mesmo tempo sólidos, solidificados como o sal. Não é a toa que o sal se coloca a beira mar, e que no fim do mundo tenha muito salitre. O sal é uma potência insidiosa que trabalha nos confins da terra e da água. O



sal se dissolve e se cristaliza.

O sal apresenta o princípio da coesão como princípio da solidez, simboliza os vínculos que constituem o corpo, tanto o corpo humano como o corpo das pedras.

Ele é o princípio de concentração ativa, ele chama para si, atrai para si tudo que pode, de certa forma cola, entrelaça, mantém a terra em seu ser, em seu centro. Toda solução deseja ser concentrada, grudada a outra.

O fim não é nenhuma coisa nem outra, é duas, três ao mesmo tempo, impossível de identificar, inclassificável, dinâmico.

O fim é coisa nenhuma.

Mas como pode haver 'coisa nenhuma'?

O fim é puro movimento para o outro lado, para o estrangeiro, no desejo de se transportar, ainda que temporariamente, para o outro, no desejo de ser o outro, a outra coisa.

Agora é isso, logo será outra, e assim por diante em sua repetição infinita, da mesmice, como prática da eternização da matéria em constante transformação.

Repetição e diferença.

Mas essa repetição, produz o inusitado pelo princípio da própria repetição que não pode existir sem a diferença.

Hoje os discursos da vida em torno dos limites, das bordas e dobras do ser estão no centro do conhecimento. O problema é esse centro que quando se centraliza dispersa sua essência.

Mas esses discursos sobre o periférico, o micro, às vezes, parecem mazelas dos mesmos discursos que colocaram limites e bordas em tudo, com todas as letras. A cidade das letras de Angel Rama nos mostra um pouco disso, de como a escrita lavrou as cidades na América.



A representação pictórica a partir do Renascimento, e principalmente no séc. XVIII, também é reveladora do absurdo da própria representação, com seus quadros, enquadramentos e centralidade. A falsa profundidade foi assegurada pela perspectiva e suas aprisionantes molduras, ercarcelando não só a pintura, mas também o próprio homem que se deixou representar.

A questão da centralidade na pintura foi questionada por Kandinsky e por Paul Klee, mas não o tema das bordas. Suas críticas ficaram no plano pictórico, dentro do marco, no campo do representável, da arte.

O campo é o representável para nossa cultura. O fora de campo é o irrepresentável, a impossibilidade da imaginação

O poder é campo, o cerceável. O cercamento se fez cerca, domínio. O campo é o lugar da luta, concebido para tal, o campo também representa a impossibilidade da retirada, a obrigatoriedade da luta. A luta da pintura tem sido o debater-se incessante sobre a essência do próprio campo como limite, sua profundidade, suas lateralidades e de sua escapatória, em todos os seus aspectos. Mas esse enquadramento é mais conceitual que formal, todas as instalações de arte estão repletas de sutis molduras e refletores.

A exclusão ou melhor: um “fora do quadro”, ou um “fora do campo” dentro da lógica da representação envolve sempre uma luta, um eterno debater-se, um duplo desejo de revolta tanto para exercer seu domínio absoluto de um permanecer, ou também por outro lado, como desejo de cair fora.

Agora, Agambem nos mostra a clausura da vida do homo sacer nas cidades, nos territórios concentrados de pobreza do terceiro e último mundo. Nos campos de exclusão localizados na periferia, nos limites das cidades, nas bordas, nos limites da economia global. Entretanto, esse é mesmo discurso que ainda permanece em termos de oposição entre um dentro e um fora. O próprio conceito de periferia, inclusão,

exclusão são exemplares de um pensamento centralizado, e centralizador.

Às vezes, chego a pensar que o problema não é o que está dentro do campo, do campo do conhecimento, mas o próprio campo que nos impede de ver o fim do mundo. Essas reflexões sobre os limites do mundo e do ser só terão importância se mostrarem a falta de definição na natureza e explicitarem as relações amorosas de suas matérias, de seus frutos. Basta imaginarmos a cerca caída ou em vias de desaparecimento.

Na natureza as coisas estão atadas umas as outras. Em seus limites elas não são uma coisa nem outra. Elas estão se transformando continuamente e guardando relações não só com coisas próximas em proximidades, mas reenviando incessantemente ao longínquo.

Todas essas coisas estão ‘sendo’ e ‘descendo’, como as carreiras e sendas que serpenteiam e enlaçam os Andes.

Esse discurso da inclusão e exclusão só valerá, se efetivamente, mostrar quanto estamos atados e colados uns aos outros sem muitas limitações,

nas extensões. Se mostrar esse contínuo deslocamento para o outro, estando no outro; se efetivamente explorar a desintegração do eu no outro, do outro no eu, no nós. O outro é o fora, e ao mesmo tempo, o dentro. O paradoxo do eu, é não ser eu.

O outro é o fim do mundo, a insuportabilidade do outro.

Esse “eu” é os “outros”, esse eu é um estado em constante deslocamento do desejo para o outro. O outro não pode ser o inferno como apontou Sartre, o outro é uma temporalidade do eu, que muitas vezes dói.

O “eu” é uma temporalidade em simultaneidade de tempo do outro.

E não fui só pra lá, não estive só

Cruzamos com muitas pessoas que iam pro fim do mundo, de vários modos: avião, barco, ônibus, automóvel, moto, bicicleta e até de carona, não importava o veículo o barato é chegar lá.

Essa reflexão sobre as bordas da vida só importará se declarar que esse “eu” que sou sempre será um pouco ou muito desse “outro”, e que o outro, esses “outros” também vivem fisicamente em mim em carne, me constituem, me pensam, de uma maneira ou de outra, constituindo “nós”, entrelaçando.

Como na collage, o que a collage mostra é que o “eu” penso não existe, na collage é “as figuras que me pensam”

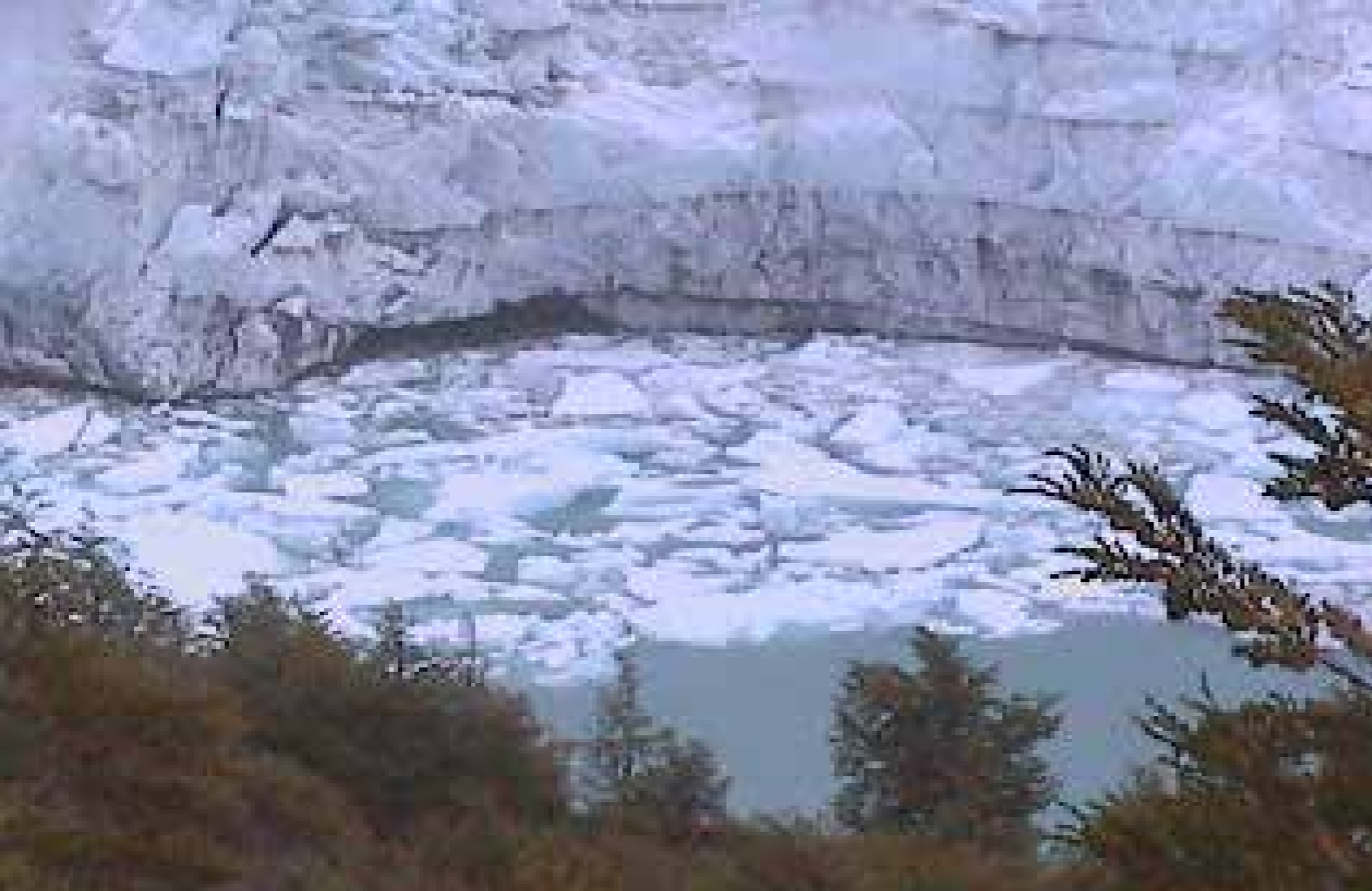
Sou constituído, construído pelos outros, não há um eu de fato que se pensa, esse é o engano e fundamento da psicologia e da psicanálise. O erro da linguagem sempre foi pensar que a linguagem pertence ao âmbito do eu. Mas quem fala por mim?

O fato de possuir o domínio da escrita me evidencia enquanto absoluto desse ‘eu’.

A linguagem traduz em sua essência o envio da escrita a partir desse outro, dessas presenças desses outros na vida de cada um, através das leituras realizadas, e que me forçam escrever para se representar, enquanto vida, vida comum. É o outro que me obriga a escrever. Não é para mim que escrevo, para isso bastaria o pensamento. Por isso a linguagem é a expressão da realização do amor.

A origem da escrita só pode ser o outro, para o outro. Poderíamos imaginar muitos mitos amorosos para a origem da escrita.

O ‘eu’ é o fim em todos os sentidos, e esse fim encapsulado, contornado de fato não existe. O “eu” contornado foi uma invenção, parte da construção da representação individualista ocidental.



Estamos sempre desejando o outro, os estados do outro, esse é o desejo que alimenta a matéria, a natureza. Ser o outro a todo instante, a cada oportunidade, sem deixar de acreditar nesse ser em constante deslocamento e transformação.

Ao longo da vida nos desfazemos uns nos outros, estamos constantemente fazendo-nos nos outros, deixando nossa presença, diluindo-nos como glaciais nos lagos.

Um filme bastante interessante que mostra o sentido do espaço contido em cada ser é “Uma nova vida”. No filme a busca de um jovem vietnamita pelo pai só é permitida através dos vários personagens que ele entra em relação, é ‘como se’ cada personagem possuísse um espaço, cada um fosse o próprio espaço no qual ele vai se deslocando através deles até chegar ao lugar desejado, até chegar ao pai.

Transitando sobre o pensamento dos outros. Nos sugerindo que o espaço é pensamento, o espaço é pensamento do outro, dos outros. Os anjos de “Asas do desejo” de Win Wenders são também um pouco assim. O anjo não tem vida própria, a vida dos outros é sua vida, ele é constituído do escutar, observar os vivos, transita de pensamento em pensamento, voa sem ter asas. Seu desejo final é tornar-se o outro, materializar-se no outro.

Por isso o discurso das Multidões de Antonio Negri, o Multitudo, deveria vir acompanhado de uma psicanálise do abandono do eu, como fundamento do conhecimento, e começar a investigar o outro, os outros, para chegar a nós. Esse é, e deveria ser o real sentido das multidões, do nome comum. Conhecemos, ainda, muito pouco da natureza humana, e os estudos dos textos políticos e sociológicos demonstram isso.

Curioso também é o caráter sinistro e paranóico que a palavra “outro” assumiu na cultura ocidental. O outro é o sinistro, chega a ser pathos, o outro é o que está às margens, marginal, ou o que já está do outro lado, fora, fora do campo. O outro é o verdadeiro fantasma para o “eu”.

Esse “outro”, obviamente, tem uma topologia que é ausente a tudo, a nós e a ele mesmo, irrepresentável. Mas para o eu paranóico da civilização moderna ‘ele está sempre lá’

na linha limite da representação, está à espera do outro lado, sempre espreitando. E, é essa irrepresentabilidade justamente que causa nossos temores, nossos fantasmas.. A impossibilidade da representação, o irrepresentável parece dar-se por dois lados opostos: uma pelo irrepresentável chegar a constituir-se representável, assim como a possibilidade do representável desaparecer, tornar-se irrepresentável, exemplifico como imagina por exemplo, hoje, uma vida sem a representação fotográfica..

Mas, deveria se pensar, também e principalmente, que a psicologia tem uma topologia, e essa topologia da psicologia sempre se manteve no centro, na centralidade, não só como orientação referencial, mas como equilíbrio que sustenta a própria invenção da psicologia e da sociedade clássica, uma psicologia do ego, do umbigo, que dormita na falsa potência atribuída ao ‘eu, no centro do corpo.’.

O eu é o objeto da psicologia, e jamais o outro, ou não seria psicologia. Sempre devo falar de mim e não dos outros. Tentar me explicar pelo outro sempre foi conduta desestimulada e coibida. Falar do outro sempre constituiu escape, sintoma de paranóia.. Em suma o território da psicologia tem sido o campo do eu, da luta do eu consigo mesmo, causa dos fracassos e das quedas nos abismos instituídos pelas molduras dos quadros, na descontinuidade do ser.

As imagens do fim do mundo retratam que próximo ao fim está o início. Conceitos como início e fim, no fim não tem sentido para as bordas. Assim como também os conceitos de campo, marco, dentro e fora.

Se, na natureza não há um dentro ou fora, então se deveria produzir uma desmitologização de todo conceito espaço-tempo que apreendemos até então, e que está na base do nosso saber e compreensão do espaço.

Ou seja: o ‘mundo esse’ que se apresenta só tem tido sentido, efeito, se reforçamos continuamente esses conceitos de início e fim, se perpetuamos as mitologias da criação e da morte, a cosmogonia e escatologia ocidental, de um contorno final impossível de ser transposto. São exatamente esses contornos estabelecidos pelo intervalo da vida, a ‘barreiras das barreiras’ que nos impedem de transbordar o humano. O transhumano.

As viagens turísticas ou as atuais peregrinações pós-modernas ao fim do mundo, inconscientemente são acompanhadas de um sentido místico, de uma reflexão. Estar no deserto ou no fim do mundo, no fim é a mesma coisa, mesmo não sendo.

O espaço indiferenciado, repetitivo é a representação da eternização, da presença do eu que deve se desintegrar na poeira da matéria, do tempo.

Nas cinzas das horas

Nas bordas, nos limites, nos campos da exclusão acostamos nossas solidões.

Juntar as solidões é collage”

É conhecer os limites da vida.

O próprio conceito do fim da matéria, de um fim do mundo, só poderia ser mesmo mais um conceito ocidental, civilizatório, e principalmente religioso em todos os sentidos, de que tudo tem um início e fim baseado na transitoriedade de nossa vida.

E que, a única escapatória está fora de nosso corpo enquanto corpo de concentração. O problema é que se estabeleceu desde o humanismo o campo como limite do corpo, o corpo como limite da vida, o corpo dentro do campo geometrizado –círculo ou quadrado- como concebeu Leonardo da Vinci, ou anteriormente por Vitruvius.

Deveríamos rever toda a escatologia que está presente na maioria das culturas primitivas, que agora nos parecem mais verdadeiras, deveríamos repensar a escatologia dos espaços, dos espaços últimos para perceber que não há rupturas e disjunções, colisões tão dramáticas e radicais. Macunaíma de Mario de Andrade retrata um pouco a crença de uma coisa virar outra por desejo da natureza.

“Terminada a função a companheira de Macunaíma toda enfeitada ainda, tirou do colar um muiraquitã famosa, deu-a pro companheiro e subiu pro céu por um cipó. É lá que



Ci vive agora nos trinques passeando, liberta das formigas, toda enfeitada ainda, toda enfeitada de luz, virada numa estrela. É a Beta do Centauro.

Nas noites de amargura Macunaíma trepava num açazeiro de frutas roxas como a alma dele e contemplava no céu a figura faceira de Ci, ...e invoca va os deuses cantando: Rudá, Rudá!...

‘Tu que secas as chuvas, faz com que os ventos do oceano

Desembestem por minha terra

Pra que as nuvens vão-se embora

E a minha marvada brilhe (sic)

Limpinha e firme no céu

Faz com que amanssem

Todas as águas dos rios

Pra que eu me banhando neles

Possa brincar com a marvada.

Refletida no espelho das águas.”

Nas bordas das colisões sempre há uma faixa, um território que espelha e reúne, de certa forma, as contradições, as diferenças, um espaço onde não há nada de espetacular, nem vazio, apenas especular, pura reflexão, uma continuidade que se estabelece na reflexão do fragmento ao lado, um espaço que se desloca conforme o que está próximo.

Essas bordas, por assim dizer esses espaços últimos, cheios de sal, espelham qualquer coisa na tentativa do desejo se, colar, se tornar outro.

Todo conceito de espaço tempo ocidental, o humanismo, o materialismo, de certa forma, está comprometido pela falsa borda do eu, um falso discurso, afastado das matérias da terra, do tempo das matérias, da vida em sua extensão. Um conceito absurdo que se tem utilizado para justificar toda geografia, todos os acidentes.

A verdade do poder é que o domínio se realiza mediante a imposição dos limites, das cercas, dos decretos, das balizas.

Da antiga imprecisão a ultraprecisão dos mapas, todas as representações, todas as linhas são atestados do afastamento do homem com a natureza.

O conceito de precisão, exatidão, talvez seja o elemento turvador da visão do conhecimento e da experiência do espaço. Porque no espaço tudo é vago, e nem mesmo hoje temos a certeza de sua existência concreta, graças à visão hiper materialista da física quântica.

A pergunta que persiste é? Porque nosso aparente universo está formado de bolas, esferas flutuantes? Seria a esfera a revelação do sem fim, da continuidade de um único espaço?

A espera do sem fim.

Um sentimento de melancolia se pronunciava à medida que chegávamos ao fim do mundo. Talvez o mais apropriado seria dizer: o mundo do sem fim. O sem fim de infinitas riquezas, guardadas, isoladas, salvaguardadas pela distancia da Patagônia a Europa e América do Norte.

O sem fim dos que aqui chegaram como condenados, ou dos que continuam chegando sem cessar, a procura do seu ‘eu’ que nunca encontrarão. O sem fim dos eu que nunca se encontram.

A fantástica escultura sonora (land art) colocada próxima ao fim do mundo, “Homenaje al viento”, da artista Alejandra Rüdoff, em um de seus postes apresenta um Mapa do Mundo de cabeça pra baixo, uma orientação desde o sul do mundo, denunciando todo o europocentrismo dos mapas.

Talvez fosse o caso de ir mais longe e deslocar a patagônia para o centro do mundo. Se existe um centro, um desse centro passa pelos pólos, o outro pelo ponto de vista do observador. Porque somos obrigados a observar o mundo do ponto de vista do outro?.

O fim do mundo é uma categoria do espaço intimo que revela a eternidade da matéria da vida, e conecta-se com a memória da infância. Lá encontrei a Laguna dos patos, a mesmo nome da Lagoa dos Patos daqui. Curiosamente, o Estreito de Magalhães dá ares com a Lagoa dos Patos

Também encontrei no fim paisagens semelhantes ao espaço da minha casa, do lugar onde sempre vivi.

No fim do mundo me deparei com imagens de minha infância, tristes e melancólicas, frias e úmidas, regadas ao som de Gabriel Yared com seus tons gauchescos. Senti-me a poucos metros de casa, no fim do mundo me senti em casa.

Meio dentro de casa, meio fora.

Meio dentro de mim meio fora de mim

Um pouco em mim um pouco no outro.

A casa do fim mundo está no meu lado, na minha frente.

Nas minhas costas.

Essa casa que não é minha nem dela, é a minha paixão

Essa casa que é espelho de ambos é o lugar .

Essa casa que não é só eu, mas um eu transbordado e estendido ao pequeno outro.

Assim descobri o significado do Aluguel.

Sem lugar.

Alugar-se é estar desocupado, vazio ao outro.

Ao lado da casa, minha paixão.

É “como Ci estivesse fora de si”, lembrando Macunaíma e Derrida.

Hoje descobri que também tenho muitas casas, e levo-as por essas trilhas que fazem experimentar meu novo sentido de espaço, lugar.

No fim do mundo deixamos a Calcanhoto como gratidão pela solidariedade de um cabo, no fim deixamos a ‘Cantada’ que nos restava, nosso lugar comum, circular. .

Caia a tarde no fim do mundo, fria, limpa sem nada no céu.

Tanto fazia aqui ou lá.

Mas a noite mais fria de minha vida passei lá mesmo.

Num vilarejo sem luz, quase fantasma, apavorado de medo de congelar . Escuro, muito escuro.

Quando um ou dois se perdem na escuridão do fim do mundo a luz de uma lamparina

dentro de uma casa ilumina toda uma cidade, se torna estrela guia, que assinala uma esperança.

Nada tinha fim ou começo nessa escuridão.

Nada dava sossego. Cada dia nos reservava alguma novidade, a novidade do outro que estava para chegar, para se espacializar.

Pouco depois do fim do mundo perdi meu amor por umas semanas.

O fim do mundo está cheio de prédios abandonados

O fim do mundo, por si, já é o próprio abandono.

O sentimento de abandono é o fim do mundo.

O fim do mundo é a partida do outro, o abandono.

Para o abandonado o mundo termina, porque o outro e sua possibilidade de ocupação se foi, o lugar se desfez, tornando-se abismo, deserto difícil de ser transposto.

Tudo se expande para um além contido dentro de mim, para um fora da representação.

Tudo se expande, se reduplica para confundir, desorientar-me orientando

Dobrar a direita ou a esquerda não tem sentido no fim do mundo, porque tanto faz, as poucas estradas existentes terminam sempre no fim, na ponta da ponta. No fim do mundo, na ponta, só há um ponto, esse é o ponto último que todo turista busca e nunca encontra, e transborda para o mais além, para Antártida ou retorna.

No fim do mundo nada faz sentido, exatamente, porque todos os limites que norteavam foram subitamente apagados. Vive-se no desnorteio provocado pela situação limite de compreender e observar estados de existência distintos. De ver a água congelar de tanto desejo de ser terra, e ao mesmo tempo de vê-la afogar-se no desejo de ser água.

Ir ao fim do mundo é uma espécie de chamado. O mesmo chamado que em determinada época do ano os pássaros do fim do mundo escutam. Uns chamam os outros para voarem como a Cantada, partem rapidamente aos milhares para o norte, para fazerem a travessia que deve ser realizada para sobreviverem.

Não batem muito as asas, pegam carona nas correntes de ar quente e vão planando seguindo o mesmo chamado dos peixes, dos quais extraem seu alimento para a longa jornada.

Ritualmente fazem o eterno retorno.

Em suas asas carregam o fim do mundo, levam sua terra, para esses outros fim do mundo que estão em qualquer parte.

“O fim do mundo voa nos pássaros que o deixam”.

Há uma hora de abandonar o fim do mundo.

A terra do fim do mundo está minada de bombas dos argentinos, da época da guerra das Malvinas.

Às vezes acho que o fim do mundo é mesmo o fim do amor.

Do amor enquanto categoria espacial, enquanto espaço físico, lugar.

Enquanto forma de ocupar e tratar o espaço.

A perda de um amor é a perda da casa, do abrigo do outro.

O amor é o que cola. Não poderia estar no chão, só no ar.

O amor é o sal da terra, talvez um outro estado da matéria menos visível que o ar, mais sólido que a terra, uma matéria que tem a propriedade de conectar e unir tudo.

Não poderia haver matéria isolada.

O território amoroso começa nas bordas, na superfície e se lança no precipício da existência como aventura, um projétil, um foguete.

O vôo do trapezista sobre o vazio é a metáfora, o ato que territorializa o lugar amoroso.

O transbordamento.

Por isso muitas vezes a solidão se apresenta para nós como um fim de mundo, um



terrível abismo mesmo sem ser abismo.

Encostar Solidões é ver que o fim não tem fim, desde que se aventure a chegar lá... do outro lado, lá no outro, no outro lugar que espera sem esperar nada.

O fim é o outro

Collage é “encostar solidões,
reunir todas estas peças dispersas
Capturadas na linha do tempo,
Ordenadas e coladas

Converter num legado sem fronteiras, sem bordas,
constituindo um modo de espacialização...

principalmente quando a visão está turva,
sempre “se aproxima” alguém

Para nos dar energia e
refazer a nossa tranquilidade e autoconfiança.
Pois “que é a collage, senão encostar solidões?”

“Com muita frequência, o sonhador de nuvens vê no céu nebuloso rochedos reunidos”
Como notou Vitor Hugo “ nada muda de forma como as nuvens a não ser os rochedos”
Toda a matéria é plástica, vemos o que queremos nela, ela em sua superfície é sempre reflexão de quem vê. Daí a dificuldade de nunca conhecer o outro, porque o outro é reflexo meu, por isso que estranho o outro, e me estranho a mim mesmo, no espelho. De nunca conhecer os desejos da matéria.

As nuvens cercavam a montanha no desejo de abraçá-la, serem ‘um’ nem que fosse por um instante só.

A matéria poética é conformada pelo outro, pela imaginação do outro. Em suas dilatações e em suas pontas, a montanha é ventre e dentes, devora o céu nebuloso, engole os ossos do temporal e o próprio bronze do trovão” como disse Bachelard.

Talvez a melhor materialização desse pensamento seja a montanha Fritz Roig também é conhecido por El chalten, por lembrar as presas de um tigre.



Algumas pedras sugerem e encarnam espíritos. Nas pequenas pedras também víamos tantas coisas que já não se pareciam pedras exceto por sua imobilização, algumas se assemelhavam a gigantescos lagartos pré-históricos com corcovas multipontas, outras em sua superfície guardavam semelhanças a pele de paquidermes.

Na vontade de ver, vemos qualquer coisa, construímos com a imaginação. O fim do mundo é propício para isso, ali tudo está em constante transformação, sendo isso ou aquilo. A imagem em ação, a imaginação.

Vejo o mapa e o continente, o contingente, e à medida que chegamos ao fim, em vez de tudo se reunir, tudo se esfacela mais ainda transformando-se. Tudo parece derreter, desintegrar-se.

“Foi lá no fim do mundo que o continente familiar virou um arquipélago e ao longo do tempo foi se fragmentando, se fragmentando cada vez mais, quase em partículas.

E aí aconteceu algo estranho, os fragmentos dos fragmentos “empanados” em lágrimas, escorreram um por um, para um mesmo lugar, numa mesma direção.

E aos poucos foram se aproximando, como mercúrio, se encostando um com um, um com dois, com três, quatro... quase colados, apenas deixando passar um fio de luz entre eles. Era só isso que precisavam como alquimistas: a necessidade de reagrupar-se”

O fim do mundo aponta a essa constante metamorfose da natureza em sua finalidade, em seu final de tarde, uma mudança constante da matéria, entre os rochedos e nuvens. A chegada ao fim do mundo só poderia ser ao cair da tarde.

Acada dia que passava sempre chegávamos à tarde, chegávamos tarde invariavelmente. Tudo sempre se repetia igual por mais que desejassemos ao contrário. Sob nós caía à tarde, sempre, sem parar, liquidificando todos os limites, nos colocando-nos no limiar da vida, fora da estrada, fora da linha da vida. Fazia-se a geada petrificando o ar da noite.

Achei que congelaríamos naquela noite sem abrigo, empedrando o nosso amor como num cartão postal.

Éramos uma só casa.

Esse fim do mundo que habita nossa imaginação é frio, escuro e vazio. O frio tem essa propriedade de imobilizar e transformar a matéria mole em coisa dura, endurecer tudo congelando. Mas, curiosamente, é ele que faz dos duros e frios icebergs, rochedos flutuantes, barcos, ilhas moveis que partem em busca da terra amada.

No fim do mundo tudo grita, o vento constantemente se faz som, palavra, hálito de montanha que sopra constantemente pra cá.

Caía à tarde como sempre diferente, e de repente: as buchas de nuvens flertavam, uma vez mais, abraçando o morro num espetáculo único.

O amor é mais que uma categoria de espaço, de espaço amoroso. Talvez, ele seja o principio mesmo, ainda não permitido, indizível que possa organizar todos os espaços, todas as coisas. O amor é o lugar invisível da existência.

E teu corpo guardará para sempre, quer queiras ou não, as imagens que visses. Em cada curva tua, quando te tocar, vou me lembrar do fim do mundo, do fim de um amor que não desejo que termine nunca.

O fim do mundo é terra desolada, isolada, lugar da solidão, do exílio.

A desolação como reflexo, como espelho da solidão, da grande ilha do fim do mundo, da terra desgarrada.

Para se chegar ao fim do mundo se passa por muitas retas curvas e rutas. E não há viva alma nessas paradas.

Nas fronteiras dos homens sempre se espera, desesperando-se. A espera é uma característica das situações limites, das bordas. Elas anunciam o desespero do descontrole. No fim não resta outra coisa senão esperar, mesmo na natureza. Ela em sua totalidade parece estar eternamente aguardando um não sei o que...

Espera-se passar, espera-se atravessar, espera-se a chegada do outro. Na fronteira, de uma forma ou de outra, se espera sempre, principalmente a balsa no canal de Beagle, ou Estreito de Magalhães

Nas fronteiras humanas somos obrigados a identificarmo-nos com passaportes, fotografias, se quisermos atravessar. O império das, das barreiras, ainda se mantém mesmo nos tempos da internet, solicitando senhas, códigos, etc. Nem mesmo as fronteiras políticas podem demarcar ou separar a continuidade natural desses espaços, veja-se por exemplo as cidades localizadas nas fronteiras.

Nossa compreensão do mundo tem se dado a partir do nosso corpo, de nossa geografia, de nossos limites corporais, de nossas extremidades, e nossos extremos, nossas pontas, assim também tratamos de interpretar a natureza, através dos mapas e das pontas geográficas, de seus cabos. Os mapas e a imaginação que nela projetamos é análogo as distancias que percorremos com nossa imaginação por nossos corpos. Para tal modelo interpretativo o fim nunca poderia estar ao lado, ou no centro mesmo. O fim ocidental tem que estar longe. Para uma cultura linear, o espaço-tempo do fim é no fim da linha.

Eis um dos paradoxos do espaço na cultura ocidental.

Talvez ai resida o grande equivoco da representação, dos mapas. Talvez tivéssemos que rever os limites e as bordas não a partir de representação, dos mapas, mas sim do nosso próprio corpo e de sua relação com os acidente geográficos.

O Glacial é o desejo da água em ser cordilheira que anda pra no fim naufragar. Às



vezes, fica tão azul, azul turquesa celestial na esperança de um dia ser céu.
O iceberg é o desejo da água em ser terra e se congela, vira pedra, montanha para navegar, sair pelo mundo afora boiando, icebergs são naufragos no território do fim..
A montanha é a tentativa da terra em se tornar céu, em ser nuvem, libertar-se da gravidade que a imobiliza.
A nuvem é a terra querendo se dissipar, evaporar-se.
Cada uma carrega todos, em seus desejos.

Enfim, o mundo, a natureza, os homens, tudo esta constantemente repartindo-se, isolando-se, mas, ao mesmo tempo curiosamente, querendo reunir-se em algum momento na eternidade da terra, e não num além mundo.
Infelizmente, a vida e seu principio de criação foi todo retalhado pela navalha das religiões que viam no culto a natureza e de sua eternização, na continuidade da matéria, um rival a seus princípios, diabolizou-se, então, e sacrificou-se a natureza de uma maneira escatológica, de um fim do mundo como castigo, em fogo ou em água.
Enfim, esvaziando a eternidade da matéria da natureza terra e reenviando-a para um céu, que já não é azul nem cinza.

Sempre se tentou disfarçar a lei da eternidade e da continuidade da carne, do carnat . Isso se exemplifica, na metáfora, que "se dá a luz", que carregamos uma nova vida no ventre. Na verdade a gravidez é um estado de uma eternização, um processo, típico da natureza, de desdobraimento, de extensão de dois seres em um novo ser, que é a sua vez a continuidade dos dois em um terceiro, da trindade terrena. Isso nos deveria ajudar a entender e a estender os conceitos de limites corporais: o eu não reside só no eu, mas se transborda no outro, se estendei no outro, seja por laços carnis ou amorosos, cada corpo carrega todos os que estão atrás e se abre como possibilidade, devir, de hospedar os que estão por vir, e assim o porvir, o devir garante suas moradas na sucessão da eternidade. Na maternidade o eu sabe que se transborda, se estende para o outro em sua criação que é puro desejo mesmo de ser o outro .

É por isso que a morte de um amor, às vezes, é tão profunda quanto a morte de uma parte da carne, é como se realmente um grande pedaço fosse arrancado. E aí temos que nos retirar daquele outro para que não soframos a insuportável perda. Há uma parte de água, e ar em todas as coisas no mundo. Há um pouco de cada coisa em cada coisa. Quando tudo se funde nossa vista se confunde e só vê desolação, no que deveria ser união.
Assim também são os desejos das matérias da natureza.

A vida é o transbordamento do corpo em busca da felicidade, aqui e amanhã também.
A balsa da existência.

O transbordador . A continuação da terra do outro lado.
Aquilo que transborda se estende ainda com vida, vai parar do outro lado, como fragmento, como fragmento que se fragmenta mais ainda, até sua total diluição para poder viver e realizar seu desejo sua vontade nos outros.
A contradição da natureza é a constante luta entre o desejo de aglutinar-se, colar-se e o movimento em direção a separação, a multiplicação de pedaços.

O fim do mundo só poderia ser também inicio, renovação da matéria em suas formas de desejo, de desejo de querer tornar o outro, a outra coisa. de voltar a se reunir em uma coisa só no outro. Do eu em um outro.
A estância no fim do mundo ou no deserto sempre acaba como criação, reflexão.

Vários são os mapas do desejo. A cartografia do fim do mundo deveria mentiras, lendas do sem fim, mitologias.
O mundo não é bola sem fim, ou estrela sem pontas. Sua infinitude o finitude é apenas um problema de consciência, ou livre jogo limitado da imaginação. A bola, ou a esfera é a ponta da ponta do universo e não seu centro, seus centros. A terra e todas as estrelas são pontas, pontes de comunicação, portos, flores luminosas que se movimentam ao sabor de um vento diferente, de outras correntes.
A interpretação ingênua dos fim, dos contornos, dos limites, das pontas, dos pontos só poderia ter levado ao equivoco da Origem da geometria.
E já não se trata de um conceito de infinito espacial. Apenas o mundo aqui sem fim, porque está sempre se transformando- no outro que ele próprio gera como forma de transbordamento.

O que parece o fim não é o fim, sempre haverá a possibilidade do um passo mais adiante, do salto, da barca. Eis a cor da aventura humana que se faz cinza no fim.
Olhei pro céu azul e vi um lago
Olhei pro lago e vi o céu. Tudo alucina no fim do mundo. A obsessão de ir mais adiante, na ponta da ponta.
Ao mesmo tempo de permanecer ali, refletindo não mais o céu, mas a conjunção da natureza.

Meu desejo é ter uma casa no fim do mundo, para mim e meu amor, os dois juntos, e que cada dia ela pareça igualmente diferente, diferentemente igual.
Minha casa é no fim do meu mundo, do teu mundo mudo, aqui e agora, no contorno de teus dedos, na extremidade de teus lábios.
Lá e aqui, e quando um se junta ao outro, esfacelando-se, virando caco, desterrando-se, o oceano então se contorce, de desdobra se fazem lagos, rios, estreitos e canais.



Penso agora que todas os mapas modernos foram construídos desde a ótica da terra e do ar, da ótica do avião, e do satélite. Os mapas desde a ótica das águas talvez fossem mais próximos dos mapas das grandes navegações, que eram feitas muitas vezes dentro da água.

Como realizar um mapa, ou uma planta a não ser de um ponto de vista de quem faz? O mapa do outro sempre será um mapa dele mesmo. Toda representação é mapa meu, representação que disponho para os outros como forma de sedução e captura.

O fim do mundo não acaba de repente. Ele vai esfacelando-se pouco a pouco, desgarrando-se lentamente. Nele, começam aparecer as fraturas não só do espaço, mas do tempo também. Não que exista uma correspondência direta entre os dois para mim. Na verdade nunca se sabe onde se está realmente, tudo a qualquer momento ou lugar pode ser o fim. Em cada passagem existe seu fim.

No fim do mundo tem um farol.

O farol do fim do mundo que ilumina os viajantes, que atesta a continuidade das bordas, ou de suas cisões. A estrada que leva ao fim do mundo é o próprio fim de mundo. Os faróis do tempo.

Todo o conceito de espaço, lugar na cultura tem se alicerçado sobre a terra e a água. A matéria ar pouco constitui nosso entendimento de lugar. O espaço aéreo só existe para a aeronáutica, para os que tratam do espaço, dos que vivem nas estrelas ou na lua, mas ele em si não é um lugar de permanência, assim também como os mares. Mas, entretanto como pensar um espaço terra sem a presença do ar, como pensar um espaço água sem a presença do ar.

A essência desse outro lugar, nem aqui nem lá, aqui e lá, lugar de muitos lugares é o ar. Esse vazio entre as coisas. O espaço amoroso é o espaço "doar".

O espaço do ar é o espaço da invisibilidade, manifesto do vento.

O vento do fim do mundo que cruza o mundo inteiro, o espaço deslocante, vivo, que faz mexer e revolver tudo, espaço do movimento, que se torna lugar quando entre dentro, habita.

O céu é o lugar do amor, não o céu celestial inatingível, místico, trans, mas o céu mesmo do ar, material, físico, o multicolorido que entra em todos os corpos, que habita todos simultaneamente.

Como pensar uma casa sem o espaço do ar, entretanto é quase inimaginável para nossa cultura imaginar uma casa respirando. Mas engenheiros e técnicos das patologias da construção tem conhecimento desse fenômeno, mas não transbordam para o entendimento do humano, ficam na técnica.

O ar não se planifica, nem se dobra, invade. Por isso é imapeável.

Toda arquitetura fechada é uma casa sem amor, incomunicável. Toda casa quando se fecha é um atentado a vida, quando sua porosidade sua capacidade de permeabilidade da natureza dos materiais é alterado é um atentado a entrada do outro. É inóspita.

Quando se coíbe, proíbe a entrada do outro é também um atentado a vida, só pode gerar violência e a acabará justificando seu fechamento ao mundo, ao outro.

Como posso pensar a chegada de um outro sem ser pelo ar, mesmo deslocando-se a meio caminho entre a terra e o mar?

Muitas vezes sua presença é sentida antecipadamente pelo ar. Há casa e lugares que exalam odores que são perceptíveis mesmo antes de entrar, e então, deveríamos re-pensar qual são as bordas, o território desses corpos, que não podemos mais representar?

Qual, o sentido da fumaça nos povos primitivos?. O que anuncia a fumaça na meseta? A visão do barco longínquo?

Ouvi dizer que no fim do mundo houve, durante um certo período uma prisão. A prisão do fim do mundo, para um determinado tipo de criminosos, está cheia de histórias. Resta saber se, os que escolhem viver no fim do mundo também não estão condenados há uma espécie de pena e isolamento.

Nessa estrada não há muita coisa, ou é isso ou é aquilo. Em suas margens habitam cavalos selvagens e um montão de lebres que jazem na estrada atropeladas pelos automóveis.

Emas, tatus, guanacos, aguias, zorro, ovelhas, cavalos selvagens, lebres.... O curioso temporalmente é que a paisagem que se apresenta na direção do fim do mundo é muito semelhante a do início do mundo, pré-histórico, desértica com vegetações raras e belas. Vi montanhas com cabelos carapinhas.

Nestes lugares por onde passamos habitavam antigos povos primitivos que viviam em cavernas, e deixaram suas mãos pintadas nas paredes.

Não consigo imaginar como sobreviveram.

Talvez aí se começa entender porque o homem dominava os animais para poder alimentar-se em, qualquer lugar ou época no desejo de ir além. Porque só com eles, com o outro poderiam sobreviver, quer domesticando-os ou devorando-os.

"Donde termina tu cuerpo y empieza el cielo no cabe ni un rayo de luz".

Jorge Drexler

